

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Estrada de São Lázaro, 197 – Federação, CEP: 40.210-730 – Salvador/BA
Tel. (71) 3283.6440 / E-mail: ppga@ufba.br



Chamada para Coletânea: “Glossário de (Des)identidades Sexuais” [Editora da UFBA]

As pesquisas acadêmicas sobre sexualidades não-normativas são atacadas não só por reacionários, mas também por críticos aliados. Dentro do que poderia ser considerado “fogo amigo”, um constante motivo de insatisfação com pesquisas que poderiam ser reunidas sob o mote “gêneros, sexualidades e estudos *queer*” decorre do fato de que mesmo o mais geral dos acordos sobre como referir-se às identidades das pessoas com as quais trabalhamos parece uma impossibilidade. Se houve um momento longínquo em que a mera divisão entre heterossexuais e homossexuais era bastante para marcar as diferenças necessárias dentro dos grupos pesquisados, atualmente, nem mesmo o mais extenso dos acrônimos parece ser suficiente para abarcar todas as identidades sexuais não-normativas com as quais lidamos. A partir da homossexualidade, passou-se a distinções como Lésbicas e Gays (LG), depois a Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LGBT) e, recentemente, vemos emergirem siglas como LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais).

A solução “guarda-chuva” de abarcar todas as possíveis identidades sexuais não-normativas usando simplesmente a categoria *queer* também não deixou de ser criticada. Muitas indagações partiram dos próprios estudiosos de gêneros e sexualidades, que apontam para o apagamento que o termo “*queer*” produz das diferenças existentes entre os diversos grupos representados em siglas como LGBTQIAPN+. Em resposta a algumas dessas críticas, autores como Tom Boellstorff (2007: 25) argumentam que objeções quanto ao uso do termo “*queer*” pelo simples temor de homogeneização das identidades não-normativas poderia levar essa área de estudos a outra posição insustentável: “uma lógica enumerativa cuja consequência extrema seria a necessidade de identificar as pessoas uma a uma, forma de pensar que combinaria com os tempos de atomismo individualista”.

Entre a lógica individualista e aditiva dos acrônimos e o risco de homogeneização das diferenças internas, surge, ainda, o fato de que denominações como “*gay*” e “*queer*” seriam categorias “importadas” e implicadas em processos de dominação colonial, principalmente, por parte dos Estados Unidos da América e Europa. Ou seja, se por um lado o uso do termo “*queer*” simplificaria a questão de nomenclatura na área de gêneros e sexualidades, por outro, o custo de tal solução seria sucumbirmos ao uso de categorias que não são nativas nos campos de estudo dos autores e das autoras que contribuirão para este volume.

Diante dessas questões, desafios analíticos, políticos e metodológicos, o esforço aqui empreendido implica em um movimento duplo. Por um lado, responde à lógica aditiva empregada em acrônimos (como LGBTQIAPN+) com uma proposta de formatação alternativa. Se existe uma necessidade de reconhecimento das particularidades de cada uma das identidades sexuais não-normativas, que sejam então coletadas na forma de um glossário, e não de uma sigla. Por outro lado, respondendo aos críticos que apontam que termos como “*gay*” e “*queer*” não são nativos o suficiente, argumentamos que outras categorias normalmente aceitas em siglas identitárias também deveriam ser questionadas em termos de representação. Assim, procuramos reunir neste livro a maior variedade de identidades não-normativas com as quais nossos colaboradores se depararam em suas pesquisas de campo, valorizando os termos empregados por seus interlocutores e interlocutoras. Ao mesmo tempo, estamos cientes do problema relacionado ao “individualismo atomístico.” O resultado de nosso esforço não poderá ser simplesmente concebido de maneira equivalente à criação de uma lista expandida de individualidades sexuais não-normativas. Ao contrário, um importante objetivo deste glossário é demonstrar a existência de uma coletividade “desidentificada” com a lógica das siglas, uma coletividade para além das siglas e, concomitantemente, não-homogeneizada.

Nosso “Glossário de (Des)identidades Sexuais” será publicado pela EDUFBA. Pretendemos reunir contribuições curtas, de 2.000 palavras cada, na forma de discussões de verbetes diversos, categorias “nativas” de (des)identificação sexual derivadas de pesquisas etnográficas. Exemplos de possíveis verbetes incluem: Camgirl, Cavalo-Marinho, Manja-Rola, Urso, dentre outros. O objetivo é reunir termos pouco explorados até o momento e pouco refletidos nas siglas mais usadas para fazer referência às sexualidades não-normativas. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores para enviarem propostas de verbetes por correio eletrônico (usando ambos endereços abaixo), juntamente com um resumo de aproximadamente 300 palavras. O prazo final para submissões será o dia **15 de maio de 2021**.

Atenciosamente,

Moisés Lino e Silva &
moises.lino@ufba.br

Guillermo Vega Sanabria
guillermo.sanabria@ufba.br